O 'TEMPO' EM IMAGENS PLANAS FIXAS

Palavras-Chave: FOTOGRAFIA, TEMPO, ANÁLISE IMAGÉTICA

Autores:

Theo Soares de Camargo – IA, UNICAMP

Prof. Dr. Mauricius Martins Farina – IA, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

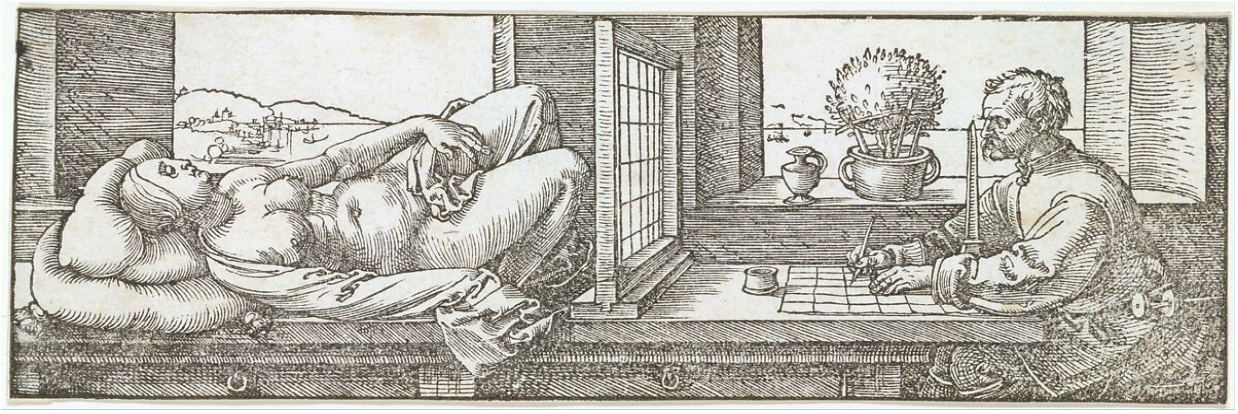
Como podemos perceber o tempo através das imagens? Para responder esta questão devemos justamente entender e conceitualizar as formas como experimentamos o tempo e colocá-las em relação com as imagens. Num primeiro momento, lançamos mão dos conceitos temporais vindos da antiguidade clássica: *Chronos,* como um instante preciso e que pode ser medido; *Kairos,* como medida justa ou momento propício; *Aiôn,* como eternidade ou um intervalo longo de tempo.[1] Para além destes termos, também é necessário trazer o ponto de vista da memória como um tempo que é lembrado. Faz-se especialmente relevante um dos mitos fundadores da pintura:

David Allan

A Origem da Pintura (1775)

"Plínio conta-nos de fato a história da filha de um oleiro de Sícion, chamada Dibutades, apaixonada por um rapaz, que um dia tem de partir para uma longa viagem. Quando da cena de despedida [...], os dois amantes estão num quarto iluminado por um fogo (ou uma lâmpada) que projeta na parede a sombra dos jovens. A fim de conjurar a ausência futura de seu amante e conservar um traço físico de sua presença atual, nesse instante precioso, todo tenso de desejo e medo, à moça ocorre a ideia de representar na parede com carvão a silhueta do outro aí projetada: no instante derradeiro e flamejante, e para matar o tempo, fixar a sombra daquele que ainda está ali, mas logo estará ausente."[2] Assim, é possível observar com nitidez um desejo profundo de transformar um instante fugidio (como o *Kairos)* em algo fixo (como o *Aiôn*). Não obstante, a tradição da feitura das pinturas traz consigo diferentes modos de organizar o espaço.

Destacamos uma nova forma de ver que começa a florescer no século XV: a invenção da perspectiva.[3] Além do desenvolvimento da geometria, são elaborados dispositivos de mediação entre o observador e o mundo concreto de modo a gerar uma projeção bidimensional a partir do mundo tridimensional. Temos como exemplos as máquinas de perspectiva, a câmera lúcida e a *camera obscura*.



Albert Dürer - Desenhista fazendo um retrato em perspectiva de uma mulher deitada (ca. 1600)

Podemos observar na figura três elementos distintos: O observador, o aparato de mediação e o mundo a ser retratado. Argumentamos que o Tempo do mundo concreto é aquele regido pelas leis da Física, enquanto que o observador experiencia-o de forma subjetiva de diferentes formas. Nosso foco, agora, se direciona à técnica de mediação. Enquanto que os dispositivos mencionados acima organizam o espaço, a componente temporal da fatura da imagem cabe ao observador. Este paradigma muda com a fotografia uma vez que o suporte fotossensível depende de um intervalo preciso de tempo (*chronos*) para que a imagem seja devidamente formada. Assim, a fotografia também traz uma organização temporal do mundo retratado. Walter Benjamin, em sua Pequena História da Fotografia, lança mão do termo *Inconsciente óptico* para tratar deste fenômeno. Notamos tal potencialidade do meio fotográfico em trabalhos como de Étienne-Jules Marey e Eadweard Muybridge em que uma série fotográfica é usada para entender o movimento de diferentes assuntos. Vale notar que o nome desta técnica é justamente Cronofotografia. Um caso de especial relevância são algumas pinturas feitas antes deste processo, as quais retratavam o trote dos cavalos de maneira muito diversa da qual se verificou através das fotografias. Desta forma, compreender como a técnica usada na feitura de uma imagem é essencial para entendê-la, uma vez que a técnica traz consigo uma série de relações geradoras de processos de significação particulares. Os quais influenciam diretamente o modo pelo qual acessamos diferentes *maneiras de ver* o mundo.

METODOLOGIA E DISCUSSÃO:

Os processos pesquisa ocorreram em duas frentes principais. A primeira foi a leitura de textos fundamentais sobre o tema. Como por exemplo, "Introdução à Análise da Imagem" de Martine Joly que versa sobre instrumentos metodológicos que permitem uma análise de obras. O livro "Fotografia e pintura como imagens em confluência", de Mauricius Farina traz a aproximação entre esses dois tipos de imagens possibilitando traçar paralelos, aproximações e especifidades de cada meio. Além disso, foram lidos artigos e capítulos de livros que conforme questões específicas surgiam durante o andamento da pesquisa.

A segunda frente foi a criação de uma série fotográfica de modo a exercitar de maneira sensível os conceitos estudados. A partir da análise de diferentes imagens, foi possível depreender vários sentidos de tempo. A poética da série fotográfica vai de encontro com a percepção do tempo através de ciclos. A leitura de “24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono” de Jonathan Crary trouxe muitas provocações ao comparar um tempo contínuo com os diferentes ciclos da natureza, como o dia e noite e as estações do ano. Logo, a série possui diferentes sessões que ao final geram um movimento cíclico. Há estados oníricos e de vigília, de lembrança e amnésia.

Exemplos de fotos da série

CONCLUSÕES:

Foi possível notar que, como observadores, podemos perceber o tempo das mais diversas formas. A motivação que gerou a pesquisa foi exatamente essa, recolhemos diferentes imagens e cada uma trazia um sentido diverso: memórias de família, o retrato ou “sabor” de uma determinada época, a decomposição do movimento etc. Assim, no limite, as possibilidades de experiência temporal subjetivas por parte do observador são tão múltiplas quanto as contingências da imaginação. Realmente, há temas imagéticos comuns que são mais proeminentes que outros e que são muito frutíferos em diferentes áreas do conhecimento. É inegável o papel das imagens como, por exemplo, na História, na Antropologia, e também no poético e sensível. À vista disso, não há fôlego suficiente para tratar exaustivamente desses temas numa Iniciação Científica. Por outro lado, ficou evidente que a questão da técnica na fatura da imagem tem um papel fundamental, uma vez que diferentes visualidades atuam diretamente em nosso imaginário e na nossa compreensão de mundo. Entender as técnicas é importante para uma postura crítica diante das imagens, assimilando os processos de significação inerentes a elas.

NOTAS

1 BRAGA, Pedro. Kairos e chronos. Duas visões da língua grega sobre o tempo. **Communio XXXIII** , n. 3, p. 287-294, 2017

2 DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 117-118

3 Ver HOCKNEY, David. **O Conhecimento Secreto**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A Intuição Do Instante**. Campinas: Verus Editora, 2007.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. *In*: ABBOTT, Berenice (Ed.). **Ensaios sobre fotografia: de Niépce a Krauss**. Tradução: Manuela Gomes; Tradução: João Barrento; Tradução: Luís. Leitão. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.

BRANCO, Miguel Do Rio. **Silent Book**. *São Paulo*: Cosac Naify, 1998.

BRASSAÏ. **Proust e a Fotografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CRARY, Jonathan. **24/7: late capitalism and the ends of sleep**. paperback ed ed. London: Verso, 2014.

CUAU, Bernard. **Josef Koudelka**. Arles: Actes Sud, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *In*: **PÓS**. n. 4. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG, 2012. v. 2.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012.

EVANS, Walker. **American photographs**. New York, N.Y: Museu de Arte Moderna de Nova York, 1938.

FARINA, Mauricius Martins. **Fotografia e pintura como imagens em confluência**. Niterói, RJ: Uff, 2020.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MANN, Sally. **Immediate family**. 1. ed. New York: Aperture, 1992.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann e à sombra das moças em flor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

TARKOVSKI, Andrey. **Esculpir o Tempo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.